



Kriolidadi

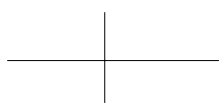
Parte integrante do Jornal A Semana nº 791 • Sexta-feira, 16 de Fevereiro de 2007



Cabo Verde vai à

ARCO

Banderona agita Campanas



Tchitchiti



Tamboreiros de hoje perpetuam ensinamentos de Tchitchiti

Cheguei a conhecer este homem. Os seus traços ainda os tenho no meu disco duro da memória. Era dos poucos pretos da minha cidade que tinha “cabelo louro” como é hábito ainda dizer-se de quem tem cabelo liso. Considerado o maior tamborileiro que havia no nosso país. Rufava o seu tambor com gosto e sempre com o seu avental branco, bem penteado com uma madeixa caindo pela testa, cobrindo parcialmente os seus olhos achinesados.

Com o seu tambor Tchitchiti andava pelas ruas de S. Filipe anunciando os mais diversos avisos importantes das autoridades municipais, principalmente. Cada acontecimento tinha o seu toque especial. Familiar a todos, menos aos mais novos. Era como um jornal de grande tiragem – ambulante, que tinha mais som que palavras, que todos “compravam” e ouviam-liam”.

O interesse daquele aviso sonoro despertava atenção a muitos e ele educadamente informava.

Tchitchiti, está tocando porquê?

Para irem pagar as “décimas na Fazenda antes de relaxar senão ficam sem terra e sem casa. Vai para a praça”.

E hoje, porquê?

Para os contratados irem buscar a farda e o dinheiro. O “falucho” que vai levá-los está na Fonte Bila. Vão até Praia e depois tomam o vapor para S. Tomé.

O Dr. amanhã vai inspeccionar a casa e os potes e se achar “dondon” ficam sem água e sem pote.

Pam-pam-pampam

Tchitchiti tem mais novidades?

Sim, “rabista” com o Chefe da Polícia. Nenhum porco no quintal. Tudo no aprisco e mais a multa.

E cabra?

No curral do Concelho.

Pam-pam-pampam

O Administrador disse que o petróleo e o açúcar já subiram mais dois tostões.

O feijão e o milho de Angola?

Continuam tabelados como dantes. O comerciante que vender mais caro vai parar no chilindró.

Quando o toque é mais “rapicado” é porque a notícia é deveras “sabi”. Logo cedo, Tchitchiti acordou toda a cidade e arredores. Alguns ainda ensonados. Era o aviso “rapicado”, o Governador chegava à ilha no dia seguinte ao meio dia, no barco de guerra “Almeida Carvalho”. O Administrador do Concelho “mandou intimar” toda a gente. Tinha que ir de fato e gravata.

A concentração é na Praça da Câmara às nove horas e dali seguem para Fonte Bila nos carros “JOSÉ CATCHIM”, “MAR AZUL” e “DABANDA”.

De fato e gravata?

Sim, porquê?

Com este “calorão” de Maio toda a gente vai desmaiar...

Parapam - pam - pampam - pampampam. Recrutamento dos mancebos para a tropa em S. Vicente e na Praia.

Pam...pam...pam. pam. De longe a longe ouvia-se o anúncio da morte. Tchitchiti com aquele ar triste pedia às pessoas para irem enterrar o coitado, que já esperava havia muito na Cruz dos Passos – o descanso obrigatório de todos os finados do campo.

Sabiam que era um pobre no caixão da Câmara não descartado. Emprestado. Cedido. Retornável. Era verde e apenas um, servindo a todo o tipo de finado. Não interessava a altura nem a largura. Muitos iam com os seus alvos pés de fora baloiçando no compasso dos que carregavam o caixão nas suas quatro cordas laterais, duas à frente e duas atrás.

O Cabo-Chefe com uma espada ameaçadora dizendo “vamos depressa porque há mais”. Um deles fugiu quando vinha a meio caminho com o caixão. Foi apanhado dois dias depois “transmontado” lá para os lados dos Quinhentos Metros. Disse que tinha medo de

finado e havia noites com pesadelo que não dormia. Dividia o grupo em dois: quatro para levar o corpo e outros quatro para trazer o caixão de volta à Câmara.

Tchitchiti não tocava o seu tambor apenas nessas ocasiões, mas também pela Epifania. Sem ele as festas de S. Filipe, S. João e S. Pedro não aconteciam. Era o primeiro a ser chamado e com ele a sua Banda. Ficava à frente desta como um comandante na parada com os seus subordinados desfilaro.

Nas grandes festas dos sobrados de Bila, Tchitchiti era convidado só para tocar. Fazia-o com gosto e profissionalismo. No Bocarron, os cavalheiros molhavam as patas dos seus cavalos, deixando na areia as suas pegadas até à volta. Vinham à missa sob o toque peculiar da cavalgada.

Na Igreja o seu tambor soava iniciando a procissão. Era o primeiro a sair e o seu toque alinhava cavaleiros e crentes. Depois o almoço naquelas grandes varandas e salões com a Banda do Tchitchiti rufando o tambor no quintal. Coladeiras colando com mensagens algumas vezes abrangentes! Incomodativas! Talvez subtilmente picantes. Tinham o alvo certo e cheio de pruridos.

Faziam grandes pratos para o Tchitchiti e a sua Banda comerem lá mesmo no quintal. Ele nunca os aceitou. Recusava a comida. Nem bebia tão pouco. Dizia ele que tinha comida em sua casa e não era “nego” de quintal de ninguém. Apenas profissional.

No meio do almoço, Tchitchiti e a sua Banda subiam até aos salões, cumprindo a tradição. Ali davam três voltas à mesa repicando o seu tambor e atrás as coladeiras colando

e rebolando ao som do tambor e da tchabeta. Não tocavam num só bolo.

Veio a fome e com ela várias pessoas foram dizimadas. Tchitchiti não parava em casa. O seu dia estava sempre cheio, solicitado pelo Administrador que poucas vezes pagava-lhe pelo tambor. E com a fome, o trabalho triplicou e a energia mitigou. Por toda a cidade, o tambor da morte ecoava e reverberava nos ouvidos dos vivos.

Mesmo com fome, Tchitchiti fazia o seu trabalho desobedecendo à própria mulher. Quantas vezes não teria desmaiado por causa da fome! Preferia morrer a beber o caldo de sola de sapato velho com que muitos esfomeados matavam a fome.

Não havia caixão para os mortos nem mãos para levá-los ao cemitério. Tchitchiti pedia para não ser enterrado no caixão da Câmara. Muitos iam embrulhados em “fningue” que na hora de dar à terra era-lhes retirado para servir o próximo.

Na boca da cova dos finados, viram um “fningue” fazendo ondas mais que tantos outros que tiveram o mesmo fim. Ficaram curiosos, olhos arregalados porque aqueles movimentos chamavam a atenção de qualquer um.

Não foi como muitos casos da mesma índole que deixaram passar. Cuidadosamente e com medo, descobriram a cabeça do morto e ouviram uma ténue voz: “Sou eu, Tchitchiti, só estava desmaiado e tenho fome”.

Alguém ao lado chorou e exclamou: por ele os tambores não rufaram...



Tchitchiti “Jornal” que se ouvia

“

Por: SAMUEL GONÇALVES
Janeiro de 2007

Com o seu tambor Tchitchiti andava pelas ruas de S. Filipe anunciando os mais diversos avisos importantes das autoridades municipais, principalmente. Cada acontecimento tinha o seu toque especial. Familiar a todos, menos aos mais novos. Era como um jornal de grande tiragem – ambulante, que tinha mais som que palavras, que todos “compravam” e ouviam-liam”.

”



Banderona agita Campanas Baixo

Está quase a terminar a Banderona, que decorre de 27 de Janeiro a 19 de Fevereiro. É a festa mais longa de Cabo Verde e uma das mais tradicionais manifestações culturais populares da ilha do Fogo. Construção de barracas, ritual do pilão, matança dos animais, missa e procissão são algumas das actividades que se vêm desenrolando desde o fim do mês passado.

A festa da Banderona teve início com as famílias Pina, Sequeira e Medina. Reza a tradição que surgiu numa ribeira. Pessoas da localidade explicam o seu aparecimento: *“Naquele tempo as pessoas ouviram o assobiar do vento e sons comparados com o toque de tambor e cantigas no ar, ao longo de 10 dias. Seguiram relâmpagos, trovões, tendo um raio caído onde brincavam as crianças”*, conta Sebastião Brandão Lopes, mais conhecido por Tchotchô, juiz e organizador da festa este ano. A partir daí, a festa começou com as crianças que tocavam em latas. Com o passar dos anos, foi ganhando maior dimensão, constituindo hoje uma das marcas da ilha do Fogo.

Como a generalidade das festas religiosas populares, a Banderona – ou festa de Bandeira de São João Baptista – mistura o profano e o sagrado. É um momento que reúne todos os filhos e amigos de Campanas, a viver nas ilhas ou no estrangeiro.

Durante as festas é costume abater de 25 a 30 cabeças de animais por dia. O sangue destes animais é aproveitado para a confecção do chouriço de sangue com xerém, uma especialidade da gas-

tronomia muito apreciada por todos.

A duração total da festa é de 25 dias, com muito convívio e alegria, comidas, bebidas, brincadeiras e rituais diversos, foguetes e muita música. Esta festa popular da localidade de Campanas Baixo assenta, numa organização bem estruturada, consoante a tradição. Os membros dessa verdadeira confraria sucedem-se, seguindo uma transmissão familiar, com excepção, actualmente, dos festeiros que em cada ano são nomeados para custearem e organizarem as festas.

A figura principal da organização da Banderona é o famoso *cordidjeru*, uma espécie de coordenador-geral que tudo dirige, dá ordens e faz respeitar as regras. É o responsável máximo pelo andamento das coisas e pela ordem. Ele não pode usar bebidas alcoólicas, sob pena de sofrer duro castigo.

Para acompanhar todas as actividades da Banderona existe um corpo de coladores, homens e mulheres, responsáveis pelos cânticos e pelo coro. O grupo é acompanhado por dois *“caxerus”* ou tamboreiros, que tocam o ritual colá Sadjon de uma forma típica, cantando – elogiando as pessoas ou enaltecendo alguma coisa, ao que são respondidos por coro, a que chamam de *“kudi baxon”*, enquanto os tambores vão rufando de forma ritmada e certa com raras variações.

Ao vigésimo quarto dia, o penúltimo dia da festa, não se pila, pois é o dia de fixação do mastro, cerimónia em que participam os cavaleiros, os *caxerus*,

os coladores e os pagadores de promessas. O mastro é ornamentado com flores e vários enfeites, uma flor de sisal seca, encimada por uma bandeira que de seguida, levam, ao compasso da coladera para um espaço amplo perto da casa do festeiro. No momento de enterrar o mastro, depois de várias tentativas, os pagadores de promessas vão despejando no mastro garrafas e garrafões de aguardentes ou outra coisa consoante a promessa feita.

Este acto simboliza o valor e a estima que a bandeira tem no seio da população, como algo sagrado que deve ser protegido. E os *“cavaleiros”*, com os seus cavalos feitos de cana-sacarina verde, *“que chamam de kanadjinha”*, cortada e talhada na ponta com a silhueta da cabeça de um cavalo, representam a força, o poder e a ordem.

Tchotchô, juiz da festa, conta que há uma outra bandeira, que é festejada somente no último dia, que é a Bandeira da casa de praia, esta que serve de apoio à festa da Banderona, dada a quantidade de pessoas que a ela afluem.

Na casa do festeiro há, no penúltimo dia, um desfile de botes e é através deles que se sabe quem serão os novos festeiros. A Banderona, que é a festa maior, é detentora de sete botes, e a Bandeira da casa de praia possui cinco. Na sequência do desfile, o quinto bote designa o festeiro da casa de praia e o sétimo bote determina a quem Banderona será entregue. Para no próximo começar de novo e assim manter esta tradição única de Cabo Verde.

Nicolau Montrond Centeio

“
Naquele tempo
as pessoas ou-
viram o assobiar
do vento e sons
comparados com
o toque de tam-
bor e cantigas no
ar, ao longo de
10 dias. Segui-
ram relâmpagos,
trovões, tendo um
raio caído onde
brincavam as
crianças
”



Várzea tem música em 2007

Estrelas da cena musical internacional – como Shakira, Tracy Chapman e Lucky Dube – vão actuar no Estádio da Várzea ao longo de todo o ano de 2007. Segundo o anúncio feito na semana passada, a programação arranca, a 31 de Março, com o brasileiro Alexandre Pires. No contexto lusófono, prevêem-se ainda concertos da também brasileira Ivete Sangalo e da angolana Patty Faria.

Shakira, artista colombiana, vem a 28 de Abril. Tracy Chapman, americana a 28 de Julho e o sul-africano Lucky Dube, a 14 de Agosto. Patty Faria a 3 de Novembro e Ivete Sangalo a 8 de Dezembro. O país vai assistir ao desfile destas e outras estrelas internacionais pelo palco da capital. Entretanto, a 8 de Setembro será a vez das “Divas

“**A sustentabilidade dos espectáculos está no público. Os bilhetes é que pagam. O chamariz é a qualidade dos concertos e a sua diversidade”, explica Lopes**”

de Cabo Verde” com as principais vozes femininas da música cabo-verdiana actual. A terminar o ano, mais música brasileira, com Djavan como cabeça-de-cartaz no “Concerto pela Paz”.

A Protocolo, empresa promotora destes espectáculos, garante que boa parte dos contratos já está assinada enquanto outros dependem de pormenores, estando contudo confirmadas as datas. De acordo com o seu responsável, Carlos Lopes, o financiamento dos concertos assentará na venda de bilhetes e na associação com algumas empresas cabo-verdianas, que receberão pacotes de ingressos, uma vez que, envolvendo alguns dos contratos cachets milionários, não será viável recorrer às modalidades tradicionais de patrocínio.

“A sustentabilidade dos espectáculos está no público. Os bilhetes é que pagam. O chamariz é a qualidade dos concertos e a sua diversidade”, explica Lopes, adiantando que as actuações irão acontecer em excelentes condições técnicas, estando previsto um palco com 40 metros de boca e 16 metros de fosso, para além de dois écrans super-gigantes.

“Contamos fornecer as maiores comodidades possíveis aos artistas e ao público, tanto do ponto de vista acústico como do ponto de vista da visibilidade”, promete, indicando que o controlo dos bilhetes será por infra-vermelhos e por códigos de barra. Os preços dos bilhetes oscilam entre dois e três mil escudos para os lugares no relvado, e entre três e quatro mil escudos para as bancadas.



Dino promove “Nha Amor...”

Com slows, funaná e zouk love o cantor e compositor Dino compôs o seu álbum de estreia, intitulado “Nha Amor, Nha Dor”. Natural da Cidade Velha, actual cidade e município da Ribeira Grande de Santiago, e residente em Providence, EUA, Dino en-

contra-se em Cabo Verde para promover o seu disco.

Nesse sentido, já fez duas actuações na sua cidade natal, na semana passada – na discoteca A Gruta e num concerto de rua. Esta sexta, Dino canta na discoteca Hot

Love, na Brava, e possivelmente no próximo fim-de-semana estará na ilha do Fogo.

O disco de Dino (Albino da Veiga Fernandes) saiu em Dezembro nos EUA e contou com a produção de Cláudio Ramos. É distribuído pela Globe Music.

FUSÃO, UMA NOVA PROPOSTA MUSICAL

Artistas que nas décadas de 70, 80 e 90 fizeram parte de grupos famosos em Cabo Verde como Os Kings, Kola, Progresso, Granada e Grito de Mindelo resolveram juntar-se para apresentar uma nova proposta musical, que leva o nome de Fusão.

É o caso de Aníbal Monteiro (teclados), Amílcar Moreira (guitarra), Máximo (baixo), Lalau (guitarra), Jorge Brito (cavaquinho e percussão), Benvindo (bateria) e José Martins (vocal), todos músicos experimentados, que iniciam agora uma nova fase na sua actividade musical.

Fusão pretende oferecer, nas suas actuações, um repertório diversificado, executando coladeiras, mornas, kola, ritmos

latino-americanos e brasileiros e ainda trechos solados à guitarra, com a mestria de Amílcar Moreira.

O baptismo de som do Fusão acontecerá em Março, num certame que será organizado pelo CEPA-Centro Experimental para a Promoção Artística. Esta é uma empresa embrionária que surgiu da iniciativa de Júlio Santos Fortes, que quer assim provar a experiência que adquiriu em Portugal, onde se formou em técnicas de comunicação social.

“Fusão vai ser uma experiência que vale a pena ser acarinhada, um som que enriquece a nossa tradição e um ritmo que não deixa ninguém indiferente”, avança Júlio Fortes.

ADP



Cabo Verde na Feira de Arte Contemporânea

A pintora Misá, o fotógrafo César Schofield Cardoso, o escultor Albertino e um colectivo da aldeia dos rabelados representam Cabo Verde em Madrid, esta semana, na Feira Internacional de Arte Contemporânea ARCO, que começou ontem, 15 e vai até dia 19. Trata-se de um dos maiores eventos mundiais no domínio das artes plásticas, que a cada ano atrai um público à volta de 200 mil pessoas.

Misá, com a sua “*pintura poética*”, ou “*poesia pintada*”, levou à Espanha três quadros. César Cardoso, cuja mais recente exposição salienta aspectos poéticos que consegue captar na cidade da Praia, comparece na mega-exposição com três fotos, tendo como tema justamente algumas cenas da capital. Albertino leva seis peças – construídas a partir de sapatos que

recicla, criando personagens inusitadas, como cavalos-marinhos, uma cabeça de ovelha, um peixe...

Por sua vez, o grupo de jovens rabelados que Misá introduziu no mundo das tintas e pincéis e que vêm revelando o seu talento – por exemplo, no concurso Jovens Pintores, promovido pela seguradora Garantia, há cerca de um ano – enviou a Madrid, cada um deles, dois quadros. Tchetcho é o único do grupo de cinco rapazes e uma rapariga que está presente na ARCO, mas levou, junto com as suas, obras dos companheiros Kanhubai, Sabino, Chico, Neia e Josefa.

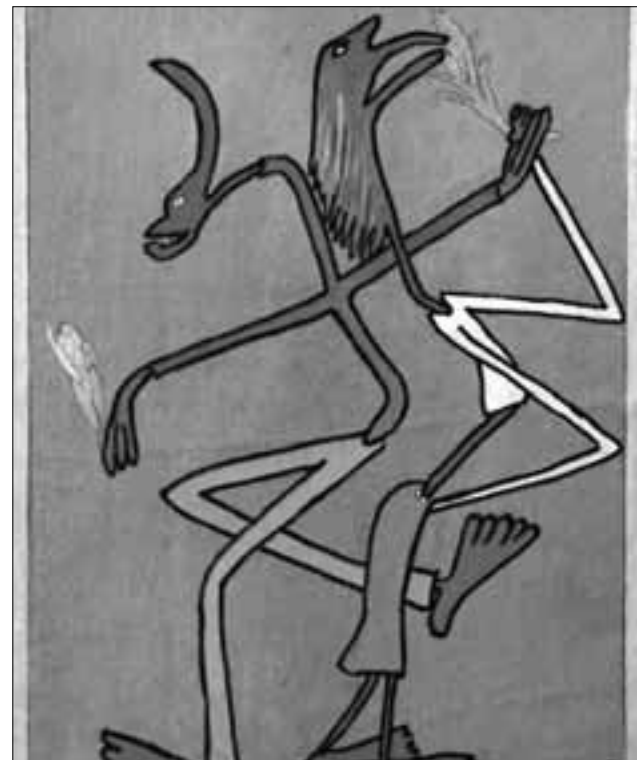
O grupo de artistas cabo-verdianos encontra-se em Madrid desde segunda-feira, e foi com enorme expectativa que partiram da Praia, dada a magnitude deste evento, que

é um dos maiores na área das artes plásticas a nível mundial.

A ARCO é uma grande plataforma internacional para contactos e vendas. Reúne artistas, donos de galerias, colecionadores, curadores e gestores de museus e imprensa especializada de todo o mundo (3 mil jornalistas acreditados, segundo o site da ARCO). Este ano o evento tem como país-convidado a Coreia.

Para além da exposição propriamente dita, decorre uma série de actividades paralelas, como conferências, colóquios e contactos com órgãos de comunicação. O grupo cabo-verdiano participa a convite da Agência Espanhola de Cooperação Internacional, que no seu stand irá propor uma panorâmica da arte africana actual.

GN



A arte com lata



“Basa Diogo, que já mostrou a originalidade da sua arte em exposições realizadas em São Vicente, Santiago e nos EUA, quer, uma vez mais, surpreender o público com a delicadeza e o cuidado que põe nos detalhes das suas criações de lata.”

Os trabalhos do artista plástico mindelense Basílio Diogo, mais conhecido no meio artístico por Basa Diogo, estão patentes ao público no Centro Cultural do Mindelo deste ontem, quinta-feira, 15, até 23 de Fevereiro. Basa Diogo, que já mostrou a originalidade da sua arte em exposições realizadas em São Vicente, Santiago e nos EUA, quer, uma vez mais, surpreender o público com a delicadeza e o cuidado que põe nos detalhes das suas criações de lata.

São cerca de 50 as peças expostas no CCM, entre carrinhos, motas, aviões e helicópteros. “*Faço arte do lixo. Para mim, o lixo pode transformar-se em matéria-prima. Dá-me prazer saber que um objecto que já foi descartado pode ser recolocado numa estante. Felizmente o meu trabalho tem boa saída. São sobretudo os turistas que adquirem as minhas peças, que são produtos reciclados. Faço arte amiga do ambiente*”, diz Basa Diogo, que foi convidado pela directora do CCM para fazer esta exposição individual.

A sua primeira exposição, em 1993, foi no Centro Nacional de Artesanato. “*Foi o meu baptismo e, junto com outros artistas, conseguimos mostrar aos sanvicentinos e aos turistas que visitavam esta ilha, na altura, a arte que se fazia em São Vicente*”.

Esta estreia valeu ao Basa uma chamada, em 1995, para o Festival Smithsonian, em Washington, EUA, dedicado a Cabo Verde. Em 1997, na

tentativa de alargar os seus horizontes, este artista fez um curso de técnicas de ourivesaria e joalheria. Os conhecimentos adquiridos no curso foram trabalhados e mostrados na 1ª Bienal de Jovens Criadores da CPLP.

Em 1999, expôs no Centro Cultural da Praia. Em 2000 foi o convidado do Espaço Criatividade do Festival Mindelact. Em 2001 e 2002 participou na exposição dos Talentos Escondidos. Em 2004, Basa ministrou uma formação para jovens na Aldeia SOS de Assomada e aproveitou para expor os seus trabalhos no Museu da Tabanka.

Basa Diogo não enfrenta grandes dificuldades para viver da sua arte. Mesmo assim, reclama a necessidade de um lugar especial para todos os artistas de S. Vicente exporem as suas peças. Em jeito de exemplo, lembra que a existência do CNA em São Vicente inspirou muitos artistas mindelenses a produzirem obras porque sabiam que tinham um lugar para mostrar a sua criatividade.

Mas esta classe enfrenta um outro problema, comenta este criador: “*Sabemos que Cabo Verde tem, neste momento, um défice de artesanato nacional. O mais grave é que os nossos irmãos do continente estão a trazer peças de fora, em que escrevem o nome de Cabo Verde, e que vendem como se fossem produtos locais*”, desabafa.

Constância de Pina

O ministro e o centenário dos claridosos

Li, com particular interesse, a entrevista do Sr. Ministro da Cultura, Manuel Veiga, inserta no nº 790 do Jornal **A Semana**, que mesmo na ausência de outras razões, suficiente seria o facto de poder tê-lo entre nós novamente e nas suas funções, depois de muito nos ter preocupado o seu estado de saúde e ausência nos Estados Unidos de América.

Todavia, para lá dessa nossa satisfação, foi esse mesmo interesse que nos levou a centrar nossa atenção em partes importantes das suas afirmações, de tal modo que nos deixou sem condições para coibir de fazer algumas considerações, as quais espero que a Senhora Directora terá a amabilidade de mandar publicar.

Não tecerei qualquer consideração sobre o primeiro ponto da sua entrevista, que diz respeito a polémica em que se envolveu com o Tito Paris, salvo a exteriorização do facto de não ter gostado do desempenho do nosso ministro nessa questão.

Sobretudo move-me aquilo que ficou dito sobre o que está previsto para assinalar o centenário da geração que fez o movimento claridoso, nomeadamente a realização dum simpósio, “à volta do qual haverá todo um programa, envolvendo o Palácio da Cultura, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional”, citando o próprio ministro.

Ora, ninguém, nem mesmo os mais novos, hoje desconhece que o movimento claridoso, sem prejuízo pelo seu carácter nacional, nasceu e cresceu em S. Vicente e aqui, durante largos anos, foi sustentado pelos seus fundadores e dinamizadores, alguns deles citados pelo sr. ministro.

Não entendo pois que o Ministério da Cultura querendo realizar tão nobre comemoração, fixa-o completa e inexplicavelmente fora do seu berço, como se tudo tivesse que mudar de berço e, nessa lógica, de importância histórica, de acordo com a sede do poder político.

Que argumentos podem ser aduzidos para que as comemorações evocativas do movimento claridoso sejam centradas na Praia? As de sempre?

Durante os cinco anos que durou o meu mandato de deputado da Nação me angustiou muito o facto de ver colegas e amigos meus defenderem tudo para Santiago, mas sobretudo para Praia, e com um argumento recorrente e quase sempre único: temos mais gente! A minha angústia era maior quanto mais via gente letrada, portadores de diplomas universitários, muitas vezes tidos como por-



tadores de competências na área da análise social, tomarem como único rácio de análise social a “capita” (cabeça), para defenderem a supremacia, diria mesmo, a concentração de bens, títulos e outros na capital.

Que outros continuem a defender desta forma, ainda que tacanhamente, pode-se até aceitar, mas os governantes têm o dever do equilíbrio, porque devem ser os primeiros defensores da nação. E não há nação sem esse tipo de equilíbrio, isto é, quanto mais residuais forem as assimetrias mais forte será a nação.

Aliás, seria muito perigoso se se entendesse que a voz e a vez devem ser concentrados conforme a grandeza populacional e isso fosse levado até as últimas consequências, nomeadamente extrapolado para o nível internacional, pois chegar-se-ia a tão triste quanto retrógrada conclusão de que também estados e nações pequenos, que nem Cabo Verde, não teriam razão de existir.

Sempre disse que o slogan “mais Santiago, mais Cabo Verde” é mau, porque presta a interpretações perversas, e hoje estou mais convencido de que é muito mais mau porque se está a dar substância exactamente ao lado perverso da sua interpretação.

De resto, temas lançados pelo senhor ministro, como o da “industrialização da cultura” daria para um longo e aceso debate. Não porque não seja possível. Mas pela atenção

que até agora damos as nossas manifestações culturais, sobretudo as mais vivas. É vermos o que fazemos para expandir, promover e valorizar o teatro. O que fazemos para que cresça e multiplique o nosso artesanato, em risco de ser consumido pelo artesanato estrangeiro, do continente africano? E as nossas festas de romaria? O nosso Carnaval, ou, melhor dizendo, os nossos carnavais?


Mas longe de mim a ideia de governamentalização. Falo do papel que o Estado é chamado a desempenhar para estimular esses sectores. Senão, industrializar o quê?

Quem me dera poder falar do património construído e da autêntica e acelerada destruição de que vem sendo alvo, em vários municípios do país, nomeadamente em S. Vicente. Porque, afinal, não será assim um bicho-de-sete-cabeças a classificação do património construído face a sua importância histórico/cultural/económica. Ou não vale a pena porque estão fora do centro do poder político nacional?

Tudo isso nos preocupa e espero, ainda com uma réstia da esperança crioula, que na entrevista muito do que devia ser dito ficou por dizer e que o que se disse não foi feito da melhor forma.

Mas, sobretudo quanto à Claridade, Minde-lo quer, senão a parte que lhe toca por direito próprio, pelo menos uma parte visível de tudo o que lhe diz respeito.

“



Por: ANTERO COELHO
S. Vicente

Que argumentos podem ser aduzidos para que as comemorações evocativas do movimento claridoso sejam centradas na Praia? As de sempre?

”

“Música é más ki mi menor, é um pauta cheio de memória...”

A semana passada foi a semana com maior movimentação cultural de que tenho memória desde a minha chegada à nossa Praia Maria, capital “caldeiron cultural” (son di santiagu) de Cabo Verde. Numa só semana: Joaquim Arena lança “A verdade de Chindo Luz” e abre caminho para a Feira do Livro, uma grande avalanche de gente faminta de livros a dar a cara e a esvaziar os bolsos na Biblioteca Nacional. Mais uma vez, o Centro Cultural Francês a dar o exemplo e a fazer escola na promoção cultural. Quarta: Trio Sulabanco, quinta-feira: grande show de Djinho Barbosa e “Trás di Son”, sexta-feira abertura da exposição de reciclagem “Do Lixo ao Luxo” de Kajó, sábado: Raiz di Polon em tournée internacional também em terras criolas.

Raiz di Polon faz história nestes tempos de muitos lamentos e chorinhos por parte dos artistas. Creio ser de destacar como um dos actuais homens fortes da nossa cultura o dançarino e coreógrafo Manu Pretu, pelo seu grande poder criativo e como mentor do projecto/escola Raiz de Polon. Por outro lado, por representar uns dos expoentes da criatividade badiá pelo menos nos últimos cinquenta anos. É de referir que a dança contemporânea caboverdiana nasce praticamente pelas mãos de Manu Pretu e Raiz di Polon. Assim, por toda a agitação patrocinada/promovida na semana passada dou nota máxima ao Centro Cultural Francês e ao seu director David Fajolles.

O Centro Cultural Português também esteve presente nesta semana de grande agitação cultural: quarta-feira lançamento do CD de Lela Violão, sexta-feira: exposição de pintura “Monstros” de Alex da Silva.

Outras notas: exposição de Benvinda no Palácio da Cultura; Tó Alves promove grande homenagem a Tchada Santo Antóni e suas figuras, Tó e Zé Carlos a demonstrarem uma grande generosidade ao fazerem-se de promotores deste evento que por certo marcará o ano na capital.

É público e sabido a grande amizade e a relação artística que partilho com o músico e compositor Djinho Barbosa, por isso também talvez seja suspeito falar do tal show que o “Trás di Son” nos levou ao Centro Cultural Francês e mais ainda destacá-lo como “O Evento” da semana. Mas o público esteve presente e pode garantir que não minto e, muito menos, que não sou parcial. A sala esteve a rebentar pelas costuras, houve apertos, calor, um pouco de sufoco, contaram-me que até houve lágrimas na fila da frente. Eu só posso confirmar um aspecto: Praia respondeu em peso e, com todo seu glamour, deu motivos aos responsáveis do CCF para pensar seriamente em continuar as obras de alargamento da sala de concertos. A sala estava bonita com direito a iluminação especial. Sim, Djinho teve público e um público que esteve ao nível, aplaudiu cada momento, como devia, e soube corresponder com aplausos a todos aqueles momentos surpresas que “Trás di Son” nos reservou. Pude sentir aquele calafriozinho dos momentos que se querem demorados, intermináveis. Pena mesmo foi não podermos ter apreciado o trabalho desenvolvido por Cesar Cardoso e João Vieira especialmente para a ocasião.

Como é óbvio, “O Evento” da semana nunca é obra de uma só pessoa, muito menos quando sabemos que muito provavelmente uma das maiores virtudes de Djinho Barbosa é saber partilhar o palco. Uma nota avulsa: nunca é demais dizê-lo, Djinho dividiu o protagonismo no seu CD



com 35 artistas, grandes e em ascensão no nosso panorama musical. Falemos desses que também subiram ao palco no dia oito. Albertino, sima um pequena xintadu nha frenti fla “forti bu ta canta sabi, mos!” e não vou perder tempo aqui a falar dos lobbies e macaquices que fazem com que uns sejam porta-bandeiras e outros sabe-se lá o quê da nossa cultura. Annie, lá do Planalto Central (vulgo Assomada) surpreendeu-nos com a sua voz e presença ao lado de Albertino. E depois foi o delírio, o pasmo e o espanto e por fim a alegria ao descobrir Leila metida num “Son Kompiladu”. Doze aninhos e uma presença de estrela. Espero que não tenha estado no concerto a pessoa que lançou a pergunta “Quem é a Sucessora de Cesária Évora?” porque se não logo logo, numa revista qualquer francesa há-de fazer manchete e escola: “Leila, A sucessora de Lura e Mayra!?”. Princesito “Xatiadu Si!” deu voz a uma certa música que a mim me marcou e é já um hino e orgulho badiu: “Ka por si ki mi N'nasi negru/ fazedu skravu/ n'ganadu marmi/ ma gosi dja N ganha /fika skrebedu/ na séu di mundu/ ma nós é más forti/ ki pedra diamanti/ nton nu ta limia”. Sem mais palavras, este é um texto que só poderia ter nascido na mente de um sonhador e poeta de nome Princesito, claro está, inspirado pela música de um artista com dimensões exactas de Djinho Barbosa. Acrescento mais: este pensamento devidamente traduzido deveria fazer parte dos princípios e código de todo o caboverdiano e todo o negro ciente das suas origens, ma ka só badiu nau guentis.

Última nota para quem esteve no palco a acompanhar nos instrumentos: Ricardo de Deus, dá vontade de pedir a nacionalização imediata deste homem brasileiro de gema, mas cada vez mais: nosso Ricardo na música. Ricardo de Deus faz parte já da mística praiense no mundo cultural

e não me atrevo a entrar em notas técnicas porque eu só falo do que sinto. Agora permitam-me que diga: luzes luzes e luzes para Kisó Oliveira. Kisó tem estado dentro de todas as grandes revoluções na música feita aqui na capital nos últimos anos, de Pantera a Tcheka. Kisó tem estado presente no palco a acompanhar no baixo quase todos os concertos em que se exige que no palco estejam deveras músicos. Luzes a Kisó por se tratar de um estudioso sério do seu instrumento, o que o põe num patamar muito acima da média. Luzes a Kisó, porque a sua discricção e senso crítico fazem dele muitas vezes quase um homem invisível, mas como Djinho diria “Kisó ta toka KEL baixu”. Nu poi obidu na baixu di Kisó. Jorge irrepreensível na bateria e claro uma ovação a Victor Bettencourt que na sua actual condição física é sa da ku pó sem manha. E é hora da verdade, por isso um muito obrigado ao Djinho por ter dado ao Duka a oportunidade de mostrar o que ele no fundo é: um génio da guitarra. Os momentos em que Duka se entregava às suas improvisações foram sem dúvida os instantes em que se sentiu na sala aquele murmúrio baixinho: Wuaaaaaaauuuuu!! Dá vontade de entrar na cabeça de Duka para ver e sentir o que só ele sente quando toca. Quando os lobbies forem desmascarados então esse badiu também terá a sua placa de homenagem no Palácio da Cultura ao lado dos grandes e *quizás* em Lisboa numa certa casa caboverdiana.

Praia si ki sta. Se há um ano atrás Princesito disse “Praia sta preinha” hoje é mais que evidente que Praia sta parida. E como badiu orgulhoso que sou permitam-me que termine assim: “Ka por si ki mi N'naci negru/ fazedu skrabu/ nganadu marmi/ ma gosi dja N ganha /fika skrebedu/ na séu di mundu/ ma nós é más forti/ ki pedra diamanti/ nton nu ta limia”. Mais não digo.



Por: ABRAÃO VICENTE

Se há um ano atrás Princesito disse “Praia sta preinha” hoje é mais que evidente que Praia sta parida.



GRANDE ECRÃ

Cinema e literatura

Há alguns dias adquiri, na Feira do Livro, "O Matador" (1995), da brasileira Patrícia Melo. Sei que a obra já foi adaptada ao cinema e por isso mesmo hesito em lê-la, antes de ter a oportunidade de ver o filme. Porquê? Provavelmente estou a ceder àquela velha ideia de que a transposição da obra literária para o cinema raramente faz justiça ao original. Esta é uma ideia recorrente mas... será assim?

Este preconceito está ancorado na percepção de que os filmes não conseguem absorver toda a riqueza da obra literária que está na sua génese. A profundidade dos personagens, a sua caracterização, bem como a dos espaços envolventes, o próprio desenrolar da acção... tudo isso tem a sua especificidade no papel.

E se é verdade que a "mutulação" de tais elementos quando carregados para o cinema muitas vezes descaracterizam a "alma" da obra, outras tantas a frustração do espectador advém, não de uma má qualidade da obra fílmica, mas das expectativas que ele cria. Quanto mais apreço se tem pela obra literária mais expectativas se criam e quase sempre a frustração destas expectativas impede uma avaliação justa do filme.

A meu ver, este terá - antes de mais - que ser analisado como um objecto independente, para que as suas qualidades e defeitos sejam devidamente avaliados. Mas este é um exercício que nós espectadores/leitores esquecemos de fazer.

Há casos em que a crítica considera que a obra literária supera a obra fílmica ("O Amante", "Memórias de Uma Gueixa"...), casos em que o filme supera o livro ("Cidade de Deus", "As Horas"...), casos em que os dois são bem sucedidos ("O Senhor dos Anéis", "Vidas Secas"...), e casos em que ambos são objectos menores ("O Código da Vinci"...). E, quase nunca, tal avaliação é fundamentada na maior ou menor fidelidade do filme relativamente ao livro.

Fazendo o eixo necessário, deitemos uma vista de olhos ao que se pariu por este processo no nosso país: em 1996 Leão Lopes realizou o corajoso exercício de adaptação de "Ilhéu de Contenda" (de Teixeira de Sousa); também em 1996 "O Testamento do Senhor Napomuceno" (de Germano Almeida) chegou ao cinema pelas mãos de Francisco Manso, o mesmo que realizou agora a adaptação de "O Escravo" (de José Evaristo de Almeida) cujo autor não era cabo-verdiano mas que incluo aqui por a acção do livro se desenrolar em Cabo Verde. Existe ainda um filme quase desconhecido adaptado em 1987 de uma das obras maiores de Cabo Verde: "Os Flagelados do Vento Leste" de Manuel Lopes. E, se as minhas pesquisas não foram mal feitas, é tudo.

Mas estou convicta de que tal escassez não se deve à pobreza de material literário adaptável e sim à pobreza de meios do nosso cinema. "Chiquinho" não daria um belo filme? O que dizer de "Galo Cantou na Baía", "As Virgens Loucas", "Xaguatê", "Chuva Braba"... E isso só para referir os clássicos.

Não, não há escassez de material adaptável. Haverá, talvez, a necessidade das novas gerações apostar na universalidade dos temas. Neste aspecto, tenho para mim que "Memórias de Um Espírito" (de Germano Almeida), apesar de não ser das suas melhores obras, resultaria um belo texto para teatro burlesco.

O que faltará, talvez, seja a ousadia daqueles que dominam o exercício da escrita de abandonarem território pessoal e partirem para uma recriação de obra alheia. E, claro, os meios para tornar possível a criação de espólio cinematográfico nacional, para lá do documental.



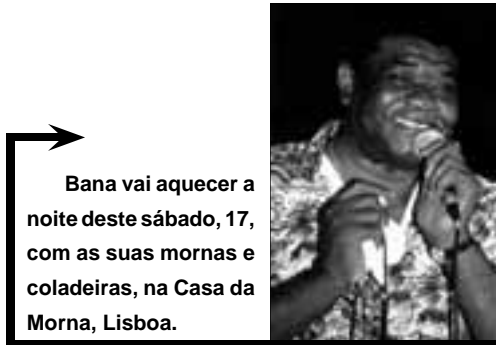
Agenda Cultural



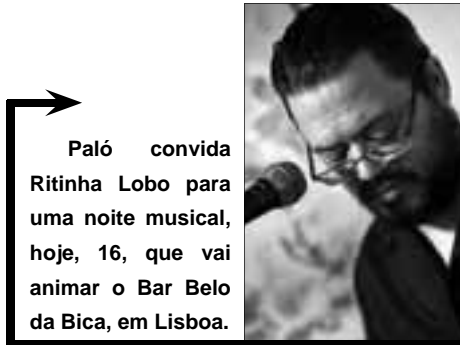
"Trás di Son" no Quintal da Música, hoje à noite. É o projecto musical de Djinho Barbosa que sai do CD e sobe ao palco. O músico conta com a participação de Albertino, Kizó, Victor, Duca, Princesito e Ricardo de Deus. Às 21h. Na noite de sábado, o Quintal propõe Kiss & Banda, no mesmo horário.



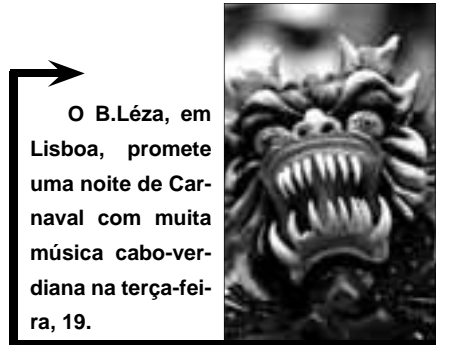
Slows, funaná e zouk love compõem o repertório de Dino, que promove o seu CD "Nha Amor, Nha Dor". Esta sexta, 16, Dino canta na discoteca Hot Love, na Brava, a partir das 23h.



Bana vai aquecer a noite deste sábado, 17, com as suas mornas e coladeiras, na Casa da Morna, Lisboa.



Paló convida Ritinha Lobo para uma noite musical, hoje, 16, que vai animar o Bar Belo da Bica, em Lisboa.



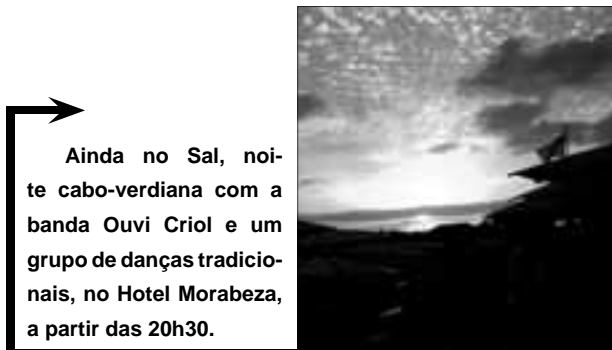
O B.Léza, em Lisboa, promete uma noite de Carnaval com muita música cabo-verdiana na terça-feira, 19.



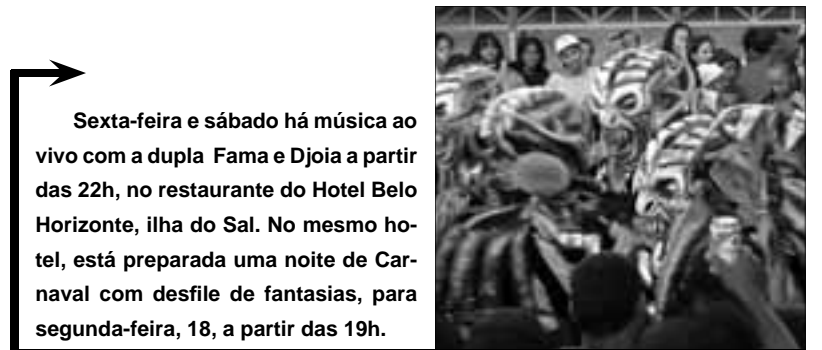
No Centro Cultural do Mindelo, até 23 de Fevereiro, pode-se ver as simpáticas peças artesanais de Basa Diogo: carros, motos e aviões de lata que mostram como a criatividade pode ser amiga do ambiente.



No Hotel Dunas do Sal está programada uma noite cabo-verdiana com Casimiro e a sua banda, na terça-feira, a partir das 19h30.



Ainda no Sal, noite cabo-verdiana com a banda Ouvi Criol e um grupo de danças tradicionais, no Hotel Morabeza, a partir das 20h30.



Sexta-feira e sábado há música ao vivo com a dupla Fama e Djoia a partir das 22h, no restaurante do Hotel Belo Horizonte, ilha do Sal. No mesmo hotel, está preparada uma noite de Carnaval com desfile de fantasias, para segunda-feira, 18, a partir das 19h.

"Tchuba na Desert" nas Correntes d'Escritas

A recém-editada antologia "Tchuba na Desert", que reúne contos inéditos de autores cabo-verdianos, foi apresentada recentemente no VII Encontro de Escritores de Expressão Ibérica - Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim, que conta também com uma feira de livros. Foi a primeira sessão de divulgação pública desta obra em Portugal (em Cabo Verde foi lançada em Janeiro).

A sessão de apresentação foi oportunidade para realçar a pequena expressão editorial da literatura cabo-verdiana em Portugal e para falar sobre os 18 autores presentes nesta obra, afirma o seu organizador, o jornalista Francisco Fontes.

Para o organizador, esta presença em Correntes d'Escritas assumiu grande importância por ser aquele um palco por excelência para a divulgação da literatura estrangeira lusófona em Portugal. Mais ainda pelo facto de, nesta sétima edição do encontro, não figurar entre os convidados nenhum escritor de Cabo Verde.

"Tchuba na Desert" é uma obra que traça uma panorâmica da actual narrativa de ficção de Cabo Verde e divulga aos leitores e estudiosos

as criações e os autores de Cabo Verde, na sua maior parte pouco conhecidos fora do país. No âmbito desse encontro internacional de escritores, editores e divulgadores culturais, estabeleceram-se contactos tendo em vista a divulgação dos contos de "Tchuba na Desert" na Alemanha, França e Itália.

A Associação Saúde em Português é a entidade responsável pela edição do livro. Os proventos da sua comercialização destinam-se a um projecto de telemedicina cardíaca e fetal a desenvolver muito em breve entre o Hospital Pediátrico de Coimbra e o Hospital Baptista de Sousa, na cidade do Mindelo.

A Saúde em Português, fundada em 1993, é uma Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, constituída por médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde. Tem desenvolvido a sua acção no mundo lusófono, em ajuda humanitária e ao desenvolvimento. Em Cabo Verde, tem trabalhado nas áreas da saúde e da educação, nas ilhas de Santiago, S. Vicente, Sal e Maio.

